

# O ECHO DO RIO,

## Jornal Politico e Litterario.

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.



Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 4000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

### O ECHO DO RIO.

Escreveu ahi o *Nacional*, que a monarchia no Brasil nos momentos de crise se tinha achado com a gente do seu lado: é tão calumniosa esta proposição, que com quanto já nos tres numeros anteriores tenhamos dito muito mais do que é preciso para a reduzir á pó e fazer ver o contrario, todavia ainda julgamos dever voltar á materia.

E perguntaremos ao contemporaneo, quando é que a monarchia se achou com a gente do seu lado? se foi na Bahia em 1837, ou se no Rio Grande desde 1835 até agora? Sabe o Brasil inteiro, que em novembro de 1837 se declarou uma rebellião na Bahia, proclamando o governo republicano com seus ministros, presidente, e mais adjuntos. O ministerio de 19 de setembro fez logo desaparecer essa republica improvisada; mas o lado, a que pertence o *Nacional* não houve elogio, que poupasse aos rebeldes, e vituperio que não lançasse á aquelles, que os reduziram á ordem. Foi então que foram baluartes da monarchia? Seria quando se fazia fogo sobre um navio, que conduzia velhos, mulheres e crianças, e a que as autoridades republicanas deram licença para sahir, e depois mandaram metralhar? Seria quando pozeram fogo á cidade por estrategia igual á que fez pôr fogo á magnifica ponte do Parahybuna? Não está ahi o Sr. Barreto Pedroso proclamado *tigre* nas camaras de 1838?

E não estão ainda impressos na memoria de todos os discursos e pomposos elogios, que pela gente do lado do *Nacional* foram feitos aos rebeldes do Rio Grande? Seria então, que esses Srs. serviam de esteio á monarchia, quando deprimiam os valentes defensores da legalidade, e não poupavam encomios á aquelles, que os combatiam?

De certo tem razão o contemporaneo: a monarchia nunca teve mais valentes defensores do que a gente do seu lado: os rebeldes da Bahia e do Rio Grande, por que esses são aquelles, que lhe tem merecido elogios, e por isso esses são do seu lado.

E nós? Oh! nós temos crimes imperdoaveis. Nós temos dito: combatam-se as rebelliões; mandem-se

forças contra ellas: abramos os braços á aquelles que se confessarem vencidos, mas desarmemos aquelles que ousarem apresentar-se-nos com as armas na mão. E com este systema em 4 mezes demos a paz á Bahia, em 2 mezes á S. Paulo, em 3 mezes á Minas; e estamos mostrando no Rio Grande que só a força é que ali pôde levar a paz. Lá estão vencidos os rebeldes, implorando perdão, não achando canto em que se metam. Nós, sim, somos republicanos. Não queremos monarchia, e combatemos a republica em toda a parte, onde ousa alçar a voz; mas os adversarios são monarchistas, porem louvavam esses intitulados republicanos, onde quer que elles tem a audacia de apparecer. Nada ha mais exacto, não é assim?

Podereis dizer-nos, que fazemos muita honra em chamar republicanos a esses rebeldes da Bahia e Rio Grande: diremos comvosco, que tendes razão: de republica só sabiam o nome, por que no mais se mostraram perfeitamente hospedes: mas então tanto maior é o vosso crime, por que alardeaveis sympathias por desordeiros, que só pretextavam vistas politicas para satisfazer suas paixões particulares.

Dizei quando fostes esteios da monarchia? Foi quando elevastes á regencia do imperio o redactor do *Justiceiro*, onde a monarchia era repellida?

Quereis acobertar-vos com os acontecimentos de julho del 840? coitados! todos sabemos com que vistas promovestes esses acontecimentos: foi para rehavendes o poder, que com effeito rehouvestes por oito mezes, e foi para fazerdes as eleições pelo modo, que fizestes, contando perpetuar-vos assim na administração. O monarcha vos chamou para o seu lado por necessidade; mesmo nessa occasião quiz contrabalançar vossa influencia, dando uma pasta ao Sr. visconde de Abrantes. Mas fostes: e o que fizestes? servistes de esteio á monarchia? foi na amplissima amnistia que destes não distinguindo réos condemnados á morte, de outros ainda nem accusados, e de outros ainda com as armas na mão, ou foi no decreto sem calções? Fizestes os movimentos de julho para dominar o monarcha, assim

como o anno passado o quizestes coagir em suas attribuições : achastes-vos enganados em 1840 como em 1842 : mas isso não destróe vossas intenções.

Sabeis quem perfeitamente vos avaliou em julho de 1840 ? Foi o Monarcha , que dirigiu as mais carinhosas expressões ao regente e aos ministros , que com elle serviam ; que quiz contrabalançar vossa influencia fazendo entrar o Sr. Calmon para o seu concelho , que logo que a indole do systema , que nos governa o permittiu , vos arredou de si , e chamou para seu lado aquelles , que querieis arredar dali para sempre.

Esteios da monarchia , vós ? Ou as palavras em vossa bocca não tem a significação que tem no geral dos que fallam a nossa lingua , ou calumnias.

### A MARINHA BRASILEIRA.

O Sr. ministro da marinha acaba de fazer á nação um importantissimo serviço , dividindo o litoral do imperio em tres grandes divisões , a fim de que em cada uma dellas haja um chefe , que possa vigiar os navios estacionados nellas. O relatorio do decreto a respeito é documento muito luminoso sobre as causas e as vantagens de semelhante medida.

Até hoje se tem conservado em cada uma das provincias maritimas mais ou menos forças de mar , segundo a importancia e necessidades de cada uma dellas ; mas estas forças eram umas independentes das outras , do que resultava que taes estações eram , assim como ainda hoje são , commandadas por officiaes de pequenas patentes , devendo obedecer aos presidentes das provincias , a quem estão subordinados. Mas os presidentes das provincias pela maior parte nada entendem do serviço do mar : o que pôde dizer a respeito um juiz de direito ou um desembargador , que são hoje ordinariamente os presidentes ? Facilmente pois são illudidos pelos commandantes de taes estações , já quanto ao cumprimento de ordens recebidas , já quanto ás necessidades dos vasos e forças de seu commando.

Os commandantes de pequenas forças são officiaes de pequenas patentes ; d'onde resulta falta de habito do commando , falta de experiencia para resolver difficuldades , que apparecem , falta de respeito da parte de seus subordinados : um primeiro tenente nunca será olhado pelo manheito como um official general. A falta de habito de commando , e mesmo de habitos militares , traz necessariamente consigo a relaxação da disciplina militar , mais que muito precisa á bordo dos navios , e faz com que se tornem máos officiaes , moços aliás da maior esperanza. No estado actual das cousas cada presidente olha de algum modo como suas as forças maritimas existentes na provincia , e assim ficam estacionarias com grave damno pelo menos dos cascos , que muito mais soffrem fundcados nos portos , do que navegando.

Todos estes males se remedeiam com as provi-

dencias tomadas pelo governo , por intervenção da repartição de marinha. Officiaes superiores obrigados a visitar os portos comprehendidos em suas divisões vigiarão sobre o cumprimento de todos os deveres das estações , farão conservar exacta disciplina , e poderão fazer trocar os navios de umas provincias com os de outras , de modo que nem os officiaes adquiram em terra dessas relações , que os estragam , nem os navios estejam em continuado repouso , com prejuizo da nação. E mais , nossos marinheiros e officiaes se habilitarão para o serviço de mar ; porque , força é confessal-o : nossos marinheiros não são marinheiros ; nossos officiaes de marinha com excellentes estudos theoreticos , todavia não tem aquella pratica , que só faz o perfeito official , que lhe faz conservar perfeito sangue frio no meio dos numerosos riscos , a que continuadamente anda exposto. As difficuldades não estão no uso do astrolabio , e da balestilha : as difficuldades são o desencadeamento dos elementos , que só se vencem com manobras feitas a tempo ; e este conhecimento só o dá a pratica de muitos annos. Se um marinheiro se não faz em pequeno espaço , que tempo será preciso para formar o perfeito official ?

Muitas circumstancias urgem a que o imperio se prepare a figurar como potencia naval : e para isso é preciso preparar os elementos. E' pelo começo que se começa.

A unica objecção , que poderia soffrer o decreto seria o acrescimo de despeza ; mas o Sr. ministro promete fazel-o com os fundos que lhe foram destinados , deduzindo ainda delles as quantias precisas para pagar cerca de 400 contos , que o ministerio passado ficou devendo , e que já se acham liquidados só na córte. Essa objecção pois é nulla. Pelo contrario estamos persuadido que economias se poderão fazer com essas providencias , que valham para alguma despeza , que tenha de fazer-se. Os officiaes superiores poderão com conhecimento de causa observar as necessidades do serviço , o que não podem fazer os presidentes ; e as mudanças dos navios podem fazer , com que o concerto dos cascos , e mesmo reparos de apparelho se façam onde for mais barato. E assim se poderão fazer algumas economias.

Em fim , a medida nos parece da maior vantagem ; talvez contra ella appareçam algumas fôfas declamações ; mas a isso está o ministro muito acostumado. Não foi elle tão vivamente censurado quando mandou plantar algumas arvores no arsenal ? E com declamações já elle contava , quando foi para o governo.

### RIO GRANDE.

Que os negocios do Rio Grande e Montevideo são da mais seria consideração , é o que já temos demonstrado , e o que é evidente á comprehensão de todos. Rosas tem hoje na Cisplatina um forte exercito commandado por Oribe : se conseguir der-

rotar Fructo, o que parece quasi infallivel, fará logo retirar esse exercito, ou continuará a occupar Montevidéo?

Até hoje ainda não sabemos, o que o governo argentino pretende da Cisplatina, ainda não sabemos por que titulo faz a guerra. Mas se Oribe tem carecido de um exercito estrangeiro para reivindicar o poder, parece que difficulosamente se poderá manter sem o apoio desse exercito. E com esse pretexto Rosas occupará Montevidéo.

E o governo Brasileiro o consentirá? Tudo parece demonstrar que não. Até hoje o governo Brasileiro tinha direito de perguntar a Rosas, por que faz a guerra á Cisplatina; não o tem feito; mas logo que Oribe estiver no poder, certamente não deixará de exigir que as forças argentinas evacuem a Cisplatina. E Rosas o fará sem mais contestação? Cremos que não. Rosas, repetimos, ainda não disse o que queria de Montevidéo: e Oribe vem recuperar sua autoridade á frente de um exercito de Rosas: e não o poderá dispensar, ou pretextará não poder dispensal-o. E o negocio torna-se serio.

O Rio Grande tem de ser novamente theatro de guerra: todas as probabilidadees parecem annunciá-lo. Chamamos a attenção do governo para este objecto. Muito confiamos nos actuaes ministros; mas uma provincia das mais interessantes do imperio assolada por oito annos de guerra civil; e quando se vê proxima a gozar da paz, já por outro lado se acha ameaçada: merece pois todas as sympathias, e é por isso que ousamos emittir o nosso voto.

As questões, que se agitam no Rio Grande não são mesquinhas personalidades: são questões vitaes. A guerra civil, que ali se tem sustentado, decide não só da integridade do imperio, como e ainda mais da sorte do throno: vencidos os rebeldes do Rio Grande o throno ainda pôde ser ameaçado; mas vencedores o throno deixa de existir: a guerra estrangeira que ali se pôde suscitar, fará resurgir os desgraçados dias de 1826 e 1827. Pelo que pertence á politica externa o Rio Grande é, e ha de ser ainda por muito tempo, o ponto mais importante do imperio: ali se tem de decidir muitas questões do maior interesse.

A provincia exige pois que o governo olhe para ella com muita attenção. Não queremos dizer, que o governo actual não tem tido a precisa, nem fallamos com este ou aquelle determinado ministerio: dirigimo-nos ao governo, e pedimos-lhe que tenha olhos attentos. E' preciso que o ministerio actual não affrouxe na perseguição dos rebeldes; é preciso que procure dar paz á provincia; por que a guerra externa pôde vir, e é necessario, que a provincia se não ache no lamentavel estado, em que se acha; que se ache preparada para rechaçar qualquer invasão, e poder com vantagem sustentar a guerra. E' preciso pois que o governo a fortifique, de modo que se alguem volver os olhos para ella, a veja em estado, que infunda respeito. E' necessario abrigar

a propriedade de seus habitantes, de modo, que nossos visinhos não possam apanhal-a com um golpe de mão.

#### DO QUE USAS, DISSO CUIDAS.

O Sr. Costa Ferreira disse que se pedia a abolição da thesouraria provincial do Rio de Janeiro, para punir o Sr. Odorico, por ser este collaborador ou redactor de um periodico. E' o caso de dizer-lhe — do que usas, disse cuidas: — o nobre senador está acostumado a ver os seus amigos proceder desse modo, talvez assim fizesse quando esteve lá no seu Maranhão, e por isso foi suppor as mesmas intenções no gabinete. Ora, o Sr. senador Costa Ferreira não sabe, que o Sr. Odorico é um empregado de commissão? e que por consequencia o governo o pôde demittir quando bem quizer? E por causa do Sr. Odorico seria proposta a abolição de uma repartição, que tem tantos empregados?

O Ex.<sup>mo</sup> senador fez mais mal do que bem ao seu amigo, e supponho que parente: foi revelar ao publico que escreve elle para o *Nacional*, cousa que muita gente não sabia. E é decoroso a um empregado atacar o governo pelo modo por que ataca o *Nacional*? Se fosse isso com os amigos do Sr. Costa Ferreira, ha muito que o empregado estivera na rua. Se o Sr. Odorico quer escrever periodicos de opposição, deixe o emprego primeiro.

#### A CASA DOADA.

A *Sentinella da Monarchia* acaba de fazer um relevantissimo serviço ao publico com a publicação de alguns documentos muito importantes, relativos á casa doada. Por elles se vê, que o Sr. Vergueiro, que aliás campá de jurisconsulto, foi procurador de um defunto por espaço de seis annos, mais ou menos. O nobre senador devia muito bem saber, que pela morte caducam as procurações; mas aquella rendia-lhe cousa de 1:400\$000 rs. cada anno, com o facilissimo trabalho de receber o dinheiro que mandavam da Corityba, e leval-o á thesouraria de fazenda da provincia. Tor este enormissimo trabalho recebia o nobre senador a bagatella de 1:400\$ rs. annuaes, isto é, 6 por cento dos dinheiros, que recebia e entregava.

Mesmo que não fosse o facto da morte de seu constituinte, mesmo que continuasse elle com vida, nem por isso o Sr. Vergueiro podia continuar com tal recebimento, por que naquelle tempo se tinha proclamado a independencia, e por consequencia taes rendimentos passaram a ser do Estado; devendo por tanto o nobre senador, em boa consciencia, repôr esses oito ou nove contos, que recebeu.

Publicamos estas cousas, para que o Sr. Vergueiro as desmintá, se são falsas; e se verdadeiras, para que se conheça esse eximio patriota. Quem tem telhados de vidro não atira pedras: mas o Sr. Vergueiro não o entende assim: cuida que pôde dizer quanto lhe vier á cabeça, talvez persuadido, que ninguem sabe de suas gentilezas.

Repare bem o nobre senador; fallamos de factos positivos; se pois nos quizer aggreddir, faça-o com factos positivos; não se metta no mar das vagas declamações: tem uma folha, de que dispõe; faça por ella as suas accusações: prestar-lhe-hemos mesmo nossas columnas, se factos semelhantes quizer publicar dos homens, que actualmente se acham na administração. Queremos esclarecer a opinião publica: se ha factos positivos, venham, que muito estimaremos sabel-os.

#### O VIGARIO DO MANDU.

Conhecem por ahi os nossos leitores o muito afamado vigario do Mandu? pois está mettido a financeiro. Quem o havia de dizer? O Sr. José Bento Leite Ferreira de Mello mettido a financeiro! E' verdade que o vemos no senado; e mais espanto nos deve isso causar, do que vê-lo agora fallar em finanças, por que a constituição deu aos deputados e senadores ampla faculdade de fallar sobre o que entendem e sobre o que não entendem.

Mas financeiro o Sr. vigario do Mandu! custa a roer. O que isto prova é que a minoria do senado quer brilhar pela quantidade, já que não pôde brilhar pela qualidade.

#### PROCESSO CELEBRE.

Noticiámos a nossos leitores, que havia nesta côrte um processo por incesto, sendo uma filha que accusava seu pai de a ter deflorado com violencia. Foi o réo pronunciado pelo juiz municipal da 3.<sup>a</sup> vara: tendo appellado para o Sr. Valdetaro, este o absolueu sem que mandasse proceder a mais uma só diligencia ou indagação!

Depois de tantos provimentos de recurso dados por este juiz, não admira mais um. O crime é horroroso, merecia a mais alta indagação, mas *quid indé?* o réo lá foi para a rua. Talvez a absolvição fosse justa; mas os antecedentes do Sr. Valdetaro em recursos de pronuncia nos fazem vacilar.

#### O REDACTOR DO — NACIONAL.

Na sessão de 26 de setembro, discutiu-se no senado a abolição da thesouraria do Rio de Janeiro, proposta pelos Srs. visconde de Abrantes e Vasconcellos, membros da commissão do orçamento, disse o Sr. senador Costa Ferreira, que esta medida só era proposta para punir o Sr. Odorico Mendes, inspector daquella thesouraria, por occupar-se da redacção de um jornal.

Tinhamos ouvido, que o Sr. Odorico era assiduo collaborador do *Nacional*, assim como que algumas vezes poetisava para o *Omnibus*; não o sabiamos ao certo; mas a declaração do Sr. Costa Ferreira veio certificar-nos. E deye uma administração conservar em um emprego de confiança o empregado, que lhe faz opposição calumniando-a, alevantando-lhe aleives de toda a casta? Ora, o Sr. Odorico não tem lá a melhor reputação como empregado: diz-se que falta muitas vezes á repartição, que é

muito frouxo, e negligente; que vive na côrte ensinando latim; e que até padece de gotta serena, o que o impossibilita de vêr, requisito muito indispensavel em um empregado de contabilidade.

Declaramos que não sabemos até que ponto são verdadeiras estas accusações; mas a voz publica lh'as faz. E um empregado em taes circumstancias, que faz virulentissima opposição ao governo, o que deve esperar? Mas o Sr. Odorico deu com o ministerio de janeiro. Pois quem seus inimigos poupa, nas mãos lhes cahe. Fique porem como facto averiguado, que o Sr. Odorico é collaborador do *Nacional*.

#### A FACÇÃO.

Para que haja opposição é necessario que exista um pensamento proclamado, que a distinga do lado ministerial. Não basta dizer — *sou da opposição* — é preciso dizer por que; e esse porque deve ser um pensamento politico, capaz de fazer divergir dous homens de juizo. Em nossas camaras até hoje não tem apparecido este anno semelhante pensamento. Falla-se em economias, como se alguém as não quizesse; falla-se em constituição, como se o ministerio não quizesse constituição.

Por algum tempo suppozemos, que no senado havia opposição, cuidando que se queriam defender os principios derrotados em Santa Luzia; mas estavamos em erro: o Sr. Paula e Sousa, e Vergueiro, e outros querem defender os homens, que combateram, mas não os principios por que combateram, são advogados nessa parte, porem não homens politicos. E em vista disso não é possivel julgar esses homens na opposição por esse facto. E nem-um outro tem havido que os possa caracterisar como taes.

Mas votam contra o ministerio, dirão elles mesmos. Pois bem: são facção, porem não partido: querem ter o poder, senão para si, para seus amigos; mas não divergem em principios do gabinete. Querem ter o poder, mas não por que entendam, que os principios do gabinete são errados. Não devem por tanto gozar das honras de partido politico, porem apenas ser denominados facção.

E para accomodar a facção conviria uma crise ministerial? E' preciso ser muito ignorante para o dizer. Uma crise ministerial é um mal gravissimo, e aquelles que a promovem sem urgente necessidade, são criminosos de lesa nação.

#### BOATO.

Corre, que a proposta do Sr. Torres para a criação de uma contadoria geral de marinha, não irá este anno ao senado por se recear o ministro da opposição, que lhe pôde fazer o Sr. Vergueiro. Julgamos que o ministerio não devia recear, por que cuidamos que o Sr. Vergueiro poderá entender tanto disso como ahi qualquer contramestre.

#### O HOMEM DAS BOTAS.

Tem-se notado, que o Sr. Vergueiro se queixou no senado de que fossem dadas buscas nas botas para achar cartas de contrabando: acha-se certo existe em ser o Sr. Vergueiro, que se lembrasse das botas.